

Academias e o público externo

Raymundo Pintoⁱ

Para o homem comum, as Academias de Letras seriam instituições que agrupam intelectuais, os quais, em reuniões fechadas, trocam elogios, satisfazem vaidades e pouco produzem. Essa é uma visão bastante distorcida que não mais corresponde à realidade atual. Num passado distante, os poetas gozavam de grande prestígio nos meios literários. A influência deles contaminava entidades diversas, incluindo as academias, que promoviam as denominadas “tertúlias”, encontros destinados a ouvir, sobretudo, a declamação de poemas. Escritores famosos, com preferência pela ficção na forma de prosa, ganharam evidência. Muitos deles optaram por uma literatura “engajada”, ou seja, seus contos e romances traziam histórias que denunciavam os desequilíbrios, as injustiças e a miséria reinantes nas classes sociais menos favorecidas. Nesse ponto, o Nordeste se destacou, em especial com os livros de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos. A Bahia não ficou atrás, tendo Jorge Amado alcançado fama não só nacional como internacional.

É evidente que um sopro de modernidade no terreno das letras contagiou as agremiações que atuam na área. Ser eleito para integrar uma delas não serve apenas para consagrar determinado cidadão que dedicou grande parte da vida à militância literária. Não deve, por tornar-se “imortal”, parar a produção de obras. Além disso, dentro da academia que o acolheu, compete-lhe ainda manter a divulgação e a expansão das letras, da educação e da cultura, procurando incentivar as pessoas de um modo geral.

A introdução acima teve o propósito de informar ao leitor, em breves pinceladas, o trabalho que vem desenvolvendo, aqui em Salvador, duas Academias. É claro que elas não abandonaram as iniciativas próprias de instituições que seguem o modelo tradicional, ao promoverem conferências, palestras e outros encontros em que se discutem assuntos culturais de alta relevância. Desde que o juiz trabalhista Rodolfo Pamplona assumiu a presidência da ALJBA – Academia da Letras Jurídicas da Bahia, em 2017, tal entidade assumiu um ritmo mais dinâmico. Por ser, para minha honra, membro dela, sou testemunha do quanto sua atual diretoria tem se esforçado com vistas a aproximá-la do público externo. Desde o final do ano passado, diversos cursos foram abertos e convidados para ministrá-los advogados, juizes e professores (acadêmicos ou não) de sólidos conhecimentos em suas respectivas áreas, a exemplo do próprio presidente da ALJBA, Min. Cláudio Brandão, Fredie Didier, Pablo Stolze, Sérgio Schlang, Manoel Jorge, entre outros. Os temas abordados figuram entre os mais interessantes e atuais. Sendo pequeno o espaço, basta citar que foram assuntos ligados aos Direitos Constitucional, Civil, Penal e Processual. Os que participaram desses cursos, em números elevados, tiveram de contribuir apenas com um reduzido valor. Destaque-se ainda a realização de uma Jornada, em 25 de abril p.p., com duração das 08 às 21h, sob a liderança do juiz Luciano Martinez, que discutiu os diversos aspectos da Reforma Trabalhista, a cargo de competentes especialistas do tema.

Sobre o esforço de certas entidades virem a prestigiar o público externo, é inevitável elogiar uma recente iniciativa encampada pela ALB – Academia de Letras da Bahia, depois que tomou posse seu novo presidente Joaci Goes, um empresário que, portador de uma cultura geral invejável, tornou-se um respeitável escritor, com várias obras publicadas. É dele a ideia de transformar o velho Solar Boa Vista, situado no bairro de Brotas, no Museu da Libertação. Trata-se de um casarão antigo, ora em lamentável estado de conservação, que serviu de morada do famosíssimo poeta baiano Castro Alves, o maior do Brasil (ou talvez do mundo, segundo Joaci). Como se sabe, ele dedicou grande parte de sua obra numa campanha para denunciar os horrores e a miséria da escravidão. Seu poema “Navio Negreiro” constitui um excepcional marco na literatura nacional. Assim, seria de enorme importância reunir num museu – daí o título escolhido – todo um acervo relacionado à terrível época da exploração dos escravos no nosso país.

O povo baiano está na obrigação de prestigiar toda e qualquer iniciativa que venha a projetar nosso estado em termos culturais. Aplaudimos a Academia de Letras Jurídicas pelos cursos e eventos que promove, recebendo estudantes e outros interessados em sua sede. Também merece total apoio o projeto da Academia de Letras da Bahia de fundar o Museu da Libertação. Ambas as instituições abriram suas portas ao público externo. Esperemos que este faça sua parte, com forte adesão.

ⁱ Raymundo Pinto, desembargador aposentado, é escritor, membro da Academia de Letras Jurídicas da Bahia e da Academia Feirense de Letras. racpinto@uol.com.br. Publicado na Tribuna da Bahia de 22/05/19.